

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE  
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS  
GIZELLI DE PAIVA CORDEIRO

**UM NOVO OLHAR ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DOS PORTADORES  
DA SÍNDROME DE DOWN**

UBERLÂNDIA-MG

2011

GIZELLI DE PAIVA CORDEIRO

## **UM NOVO OLHAR ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DOS PORTADORES DA SÍNDROME DE DOWN**

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação  
em Análise Transacional da UNAT – BRASIL -  
União Nacional dos Analistas Transacionais - em  
parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia  
Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção  
do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia  
Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

UBERLÂNDIA-MG

2011

## UM NOVO OLHAR ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DOS PORTADORES DA SÍNDROME DE DOWN

Gizelli de Paiva Cordeiro<sup>1</sup>

FATEP - Faculdade Tecnologia Paulo Freire  
UNAT – BRASIL – União Nacional de Analistas Transacionais

### RESUMO

O presente estudo tem como tema o desenvolvimento de crianças portadoras da Síndrome de Down e seu objetivo é analisar como se dá esse desenvolvimento e a influência dos estímulos recebidos pelos pais, baseando-se no ciclo de desenvolvimento, criado por Pâmela Levin (1982), e também nos estudos de Cunningham (2008) e Milani (2004) sobre a Síndrome de Down. Para tanto, foi realizado estudo de caso e observações com adolescentes em uma instituição especializada nessa síndrome. Ao final pode-se perceber que esses adolescentes não passam por todas as fases do ciclo do desenvolvimento e quando passam é em idades tardias. Além disso, pode-se concluir que os estímulos dos pais são de fundamental importância para tal desenvolvimento, revelando a necessidade de orientação aos educadores e aos pais, instrumentalizando-os com a teoria de Levin (1982), como ferramenta eficaz para o desenvolvimento adequado da criança portadora da síndrome de Down.

**Palavra Chave:** Ciclo do desenvolvimento, Síndrome de Down, Orientação de Pais.

### Introdução

Esse artigo trata de uma discussão sobre o desenvolvimento de crianças com síndrome de Down, tendo como base de estudos a teoria do Ciclo do Desenvolvimento, criada por Pamella Levin<sup>2</sup>.

De acordo com os estudos de Milani (2004) a síndrome de Down é a mais comum e bem conhecida síndrome cromossômica existente. E foi descrita pela primeira vez a mais

<sup>1</sup> Psicóloga gipaivacordeiro@yahoo.com.br

<sup>2</sup> É Analista Transacional e, por seu trabalho sobre o processo cíclico de desenvolvimento emocional, ela recebeu o Prêmio Eric Berne Memorial Científico pelos membros da Associação Internacional de Análise Transacional. Graduada em enfermagem, trabalhou 40 anos com a prática de consultoria de saúde no norte

de um século e desde sua descrição muitos cientistas tentaram descobrir quais eram suas causas. Segundo Cunningham (2008), esta síndrome é a ocorrência do material genético extra do cromossomo 21 que se manifesta nas diferenças entre os portadores da síndrome em termos de suas capacidades intelectuais, sociais, altura, peso, saúde e personalidade.

O portador apresenta deficiência intelectual, porém alguns poderão funcionar intelectualmente tão bem quanto pessoas não portadoras da síndrome. Assim a síndrome de Down, não representa um rótulo fixo, mas uma gama de probabilidades e possibilidades sobre o ser humano, não sendo apenas uma condição, mas um fenômeno complexo.

Sendo a síndrome de Down um fenômeno complexo, neste trabalho, será analisado o processo de desenvolvimento físico e emocional de crianças e adolescentes portadores desta síndrome, levando em conta os estudos sobre o ciclo do desenvolvimento de Levin (1982), no qual afirma que crescemos através de mudanças físicas e emocionais, advindas de estágios vivenciados na infância e retornamos a eles repetidamente na vida adulta.

O interesse em abordar este tema, parte da necessidade de uma reflexão crítica da experiência clínica com portadores da síndrome de Down, através de um estudo de caso e observações de adolescentes em uma instituição especializada no atendimento destes. Trabalhei durante algum tempo nessa instituição e, nesse período, surgiram muitas inquietações que me fizeram buscar uma maior compreensão sobre o desenvolvimento destas crianças, partindo do seguinte questionamento: “será que não poderiam se desenvolver como as demais crianças que não possuem a síndrome?”.

Assim o objetivo desse trabalho é analisar se os portadores da síndrome de Down de uma instituição especializada, passam por todas as fases do desenvolvimento propostas por Levin (1982) e se os estímulos recebidos pelos seus pais influenciam nessa passagem. Para isso, apoiei - me na prática clínica e nos estudos de Cunningham (2008) e Milani (2004).

### **Síndrome de Down**

Receber a notícia de que seu bebê tem síndrome de Down, geralmente envolve grandes mudanças emocionais e psicológicas nos pais e na família, não sendo



surpreendente que a maioria desses pais fiquem arrasados e sintam-se perdidos (CUNNINGHAM, 2008).

Segundo Cunningham (2008), um terço das famílias considera muito difícil lidar com essa situação e tem níveis altos e persistentes de estresse. Estudos comprovam que há mais dificuldade quando os seguintes fatores estão presentes:

- Níveis elevados de acontecimentos estressantes na vida especialmente se envolvem relacionamentos familiares;
- Problemas financeiros ligados à moradia e a dificuldades com transporte ou emprego, os problemas familiares, podem ser causados por preocupações financeiras afetando a maneira como se relacionam com os filhos, os quais desenvolvem problemas comportamentais, isso por sua vez, aumenta o estresse para os pais;
- A personalidade dos pais. Pessoas com maior probabilidade de se sentirem ansiosas e incompetentes são mais propensas ao estresse;
- Estratégias inadequadas para enfrentar a questão, o pensamento negativo é associado ao estresse e a problemas de saúde, ao passo que estratégias ativas parecem reduzir o estresse em muitas situações;
- A má adaptação à deficiência está associada ao estresse, a baixos níveis de bem estar e à incapacidade de ter afeição pela criança e de valorizá-la (CUNNINGHAM, 2008 p.23)

Segundo o autor supracitado, as crianças com síndrome de Down, quando bebês, são vistas como tranquilas e calmas, e, geralmente permanecem mais tempo deitadas, sem tanto manuseio dos pais. Aqueles pais que têm por hábito manusear e estimular seus filhos, observa-se que estes se tornam mais ativos e, aos 3 ou 4 meses, encontram-se animados e sensíveis. Em contrapartida, aqueles que não são pegos no colo e manuseados, permanecem quietos e não desenvolvem, podendo ficar facilmente mais agitados e irritados, futuramente.

Esse relato demonstra a importância de os pais estarem sempre atentos aos seus filhos, para que possam dar a eles um ambiente adequado ao seu desenvolvimento. Segundo Levin (1982), as crianças precisam saber que são bem-vindas, amadas e aceitas e uma forma de demonstrar isso, não somente aos recém-nascidos, mas em toda a fase do

desenvolvimento, é tocando, pegando e acariciando o filho. O não manuseio pode provocar na criança a sensação de desamparo, ocasionando problemas no comportamento.

Foi observado que crianças com síndrome de Down possuem um desenvolvimento mais lento do que as sem a síndrome, entretanto, dependendo da interação familiar são mais afetuosas e sociáveis. Podem ocorrer situações que envolvam tarefas consideradas difíceis e esta criança procure ajuda para resolver o problema indiretamente, tal atitude possibilita esta interação social (CUNNINGHAM, 2008).

Segundo Cunningham (2008), o desenvolvimento social e mental de crianças com a síndrome ou não, segundo pesquisas, é mais avançado e apresenta menos problemas comportamentais quando a mãe apresenta um estilo de interação afetivo e positivo ao invés de crítico e distante. Mães que, através da relação íntima com o bebê, do reconhecimento e valorização, favorecem um ambiente de segurança e afeto, estimulando a autoconfiança para o crescimento e desenvolvimento satisfatório deste.

Com isso, conforme o mesmo autor, é importante entender o estágio de desenvolvimento da criança, pois não só ajuda a trabalhar nos limites da sua capacidade mas também a escolher atividades e brinquedos mais adequados, o que facilita focar na interação:

Estudos mostram que ajudar os pais a ser mais sensíveis na maneira como interagem com a criança tem um efeito positivo sobre o desenvolvimento e a autoconfiança dela. Porém, os pais não devem se preocupar demais. Devemos examinar nosso estilo de interagir e nossa maneira de pensar sobre crianças e adultos portadores de síndrome de Down. Devemos refletir sobre essas questões e provavelmente encontraremos um estilo que funcione nas relações entre os indivíduos. (CUNNINGHAM, 2008, p. 184)

### **Ciclo do Desenvolvimento**

Segundo Levin (1982), o crescimento humano é um ciclo de desenvolvimento composto de estágios que começam na infância e se repetem durante toda a vida adulta. Segundo a autora, estes estágios são divididos em sete, sendo: o poder de ser (primeiros seis meses de vida); o poder de fazer (6 meses a 18 meses); o poder de pensar (18 meses a 3 anos) o poder de identidade (3 a 6 anos); o poder de ser habilidoso (6 a 12 anos); o



poder de regeneração (13 a 18 anos) e o poder de reciclagem (acima dos 19 anos). Nós crescemos através de mudanças físicas e emocionais, típicas de cada estágio infantil, e retornamos a eles repetidamente.

A fase do poder de ser é a etapa das necessidades orais, de ser cuidado, alimentado e tocado. Quando uma pessoa retorna a esta fase, ela para de pensar, quer somente comer e dormir com mais frequência e pode vivenciar uma sensibilidade oral. É o momento em que se procura reconhecimento, não pelo que fazemos, mas pelo que somos. A pessoa quer ser nutrida, quer estar fisicamente perto e desenvolver um laço afetivo, sensual e muito mais emocional com outra pessoa. Nessa fase, é importante que se recebam mensagens, sejam elas verbais ou não, que digam a importância de sua existência, independente do modo de ser da pessoa, que mostrem o quanto ela é bem-vinda, que é prazeroso estar com ela, que respeitam o seu ritmo e suas limitações (LEVIN, 1982).

Já a próxima fase, a do poder de fazer, refere-se à necessidade de explorar o mundo e alimentar os sentidos. É uma fase de muita curiosidade para desenvolver o poder do fazer. Nessa etapa, tem-se a necessidade de levantar e andar, mover, cheirar, experimentar, tocar, ver e explorar, com todos os sentidos: tato, visão, audição, paladar e olfato. A pessoa ou o bebê quer uma variedade de estimulações, pois o mundo parece novo e precisa ser explorado para desenvolver a consciência sensorial. Nesse momento, também são importantes as mensagens, verbais ou não, que mostrem ao outro o quanto é bom ter iniciativa, ser curioso e intuitivo e, receber apoio por isso (LEVIN, 1982).

A terceira fase é a do poder de pensar. É o estágio em que se necessita estabelecer um novo sentido de independência, individualidade e separação. Aparece a necessidade de ser independente, ser alguém diferente, mostrar que pode ser único e, com isso, pode vir a rebeldia. As frases mais utilizadas são "não vou" e "não e não". A realidade é testada e pode se contrapor em relação aos outros, enquanto cada novo nível de pensamento é desenvolvido. Quer descobrir os limites dentro de si e das situações. Nesse estágio, a preocupação central é sobre o quanto de controle se tem sobre nós mesmos ou sobre uma situação ou relacionamento. Sendo interessante receber mensagens que apoiem a necessidade de se demonstrar insatisfação e raiva e assim, poder pensar por si mesmo e que é normal testar, encontrar limites e se tornar um ser individual (LEVIN, 1982).

Em seguida, vem a fase do poder de identidade, quando se quer descobrir de uma nova forma quem somos e o que significa sermos do sexo que somos. É testado o poder para ver o que acontece. Durante o estágio quatro, a pessoa se torna fascinada de novo com a habilidade em afetar as outras pessoas. Quer mudar totalmente a organização interna. Sendo apropriado receber mensagens que digam o quanto pode se sentir poderoso e, ainda assim, ter necessidades e poder ser cuidado quando precisar, de que tudo bem descobrir quem é ele e testar seus próprios comportamentos e poder fantasiar sem medo de que essas fantasias se tornem realidade (LEVIN, 1982).

O poder de ser habilidoso é a fase em que se desenvolvem os valores e, assim, precisa desenvolver novas ferramentas, aprender habilidades que condizem com os objetivos. Para isso se discute a moral e o método dos outros querendo agir de maneira própria e não seguir a dos outros. Nessa fase precisa vivenciar diferentes formas de atuar e cometer erros também e, dessa forma, descobre-se o que funciona para ele. As mensagens que precisam ser passadas são: pode se ter um jeito próprio de fazer as coisas e ter a sua moral e, com isso, poder pensar antes de fazer, guiando-se pelos sentimentos e podendo discordar dos outros (LEVIN, 1982).

A próxima fase é o poder de regeneração. Manifesta-se no começo da adolescência, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento, não somente relacionado ao físico, mas em competência cognitiva e social, como por exemplo, questões relacionadas à autonomia, autoestima e intimidade. E esse período também é propício para trazer riscos, pois alguns jovens podem ter dificuldades em lidar com tantas mudanças de uma vez e precisam de ajuda para vencer os perigos ao longo do caminho (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2010).

Com isso, seja para primeiro formar a nossa personalidade na infância, ou enriquecer no período adulto o que já foi formado, precisamos de certas forças fundamentais, adquiridas através dos relacionamentos com outras pessoas para se desenvolver a segurança, a confiança e a estimulação necessárias para executar as tarefas que estão próximas. Essas transações-chaves, que correspondem às mensagens, com as permissões necessárias para que a criança passe de forma segura para as novas fases, proporcionam os nutrientes essenciais para o crescimento sadio, da mesma maneira que os aminoácidos fornecem os nutrientes essenciais para o crescimento das células do corpo.



(LEVIN, 1982)

Diversos estudos mostram evidências que sugerem que é mais provável que, aqueles pais democráticos ou que delegam autoridade de maneira moderada, detendo certo controle, tenham filhos adolescentes autoconfiantes, com boa autoestima, responsáveis e independentes (MUSSEN, CONGER, KAGAN, & HUSTON, 1988).

Na adolescência, é preciso ouvir mensagens que digam: “É ok ser responsável pelas suas próprias necessidades, sentimentos e comportamentos”. “Você pode ser uma pessoa sexual e ainda ter necessidades”. “É ok você ser do jeito que é”. “Meu amor segue com você”. “Você é bem vindo sempre que quiser voltar para casa”. “Ou seja, pais democráticos podem demonstrar aos filhos que é Ok ser sexual, ter um lugar no meio dos adultos e ser bem sucedido” (LEVIN, 1982).

A última fase é a do poder de Reciclagem, é quando entramos na vida adulta e a personalidade está formada. Essa fase, por ser uma nova situação, pode deixar as pessoas incertas e inseguras, sem discernir se as regras são as mesmas ou se esta vai ser uma nova jornada fácil ou difícil. Nesse período, precisamos de pessoas, companheiros, a quem possamos nos ligar emocionalmente para dar suporte a um novo período de crescimento. É sentido, nessa etapa, que são como crianças de novo, sentindo o mundo pela primeira vez. A repetição pelos ciclos tem a sua própria qualidade e assume um ritmo individual, pois o modelo básico já foi formado na infância e eventos externos podem ser acionados para aprimorar certos estágios vivenciados no passado. Quando adultos, se pode assumir diferentes papéis na medida em que há reciclagem. Em cada reciclagem, podemos amadurecer e crescer de forma diferente, dependendo dos estímulos que podem ser encontrados pelo caminho (LEVIN, 1982).

### **Estudo de Caso**

Foi realizado acompanhamento com um adolescente de 16 anos, que frequenta uma instituição especializada em atender portadores da síndrome de Down. A rotina era a escolar: entrava em sala de aula as sete horas da manhã, lanchava as nove e meia e o horário da saída era as onze horas.

Dentro da sala de aula, as vezes o adolescente apresentava comportamentos

bastante agressivo, não tolerava a frustração por não realizar as tarefas da forma adequada ou em seguir as regras da professora. Tinha momentos em que saía da sala chorando e causava confusões com outros alunos e funcionários da instituição.

Nesses momentos falava muito da sua família, principalmente do seu pai e de seu irmão, o qual não possui a síndrome. Relatava possíveis brigas que tinha tido com eles e o quanto isso o chateava e o deixava agitado. Muitas vezes os seus relatos não eram verdadeiros, de acordo com mãe do adolescente.

Havia outros momentos em que parecia magoado em estar longe de sua namorada, e relatava que escrevia músicas pra ela e as cantava o que às vezes o fazia relaxar e, em outros momentos o agitava ainda mais.

Já em outras situações, como nos momentos de recreação, principalmente quando havia músicas, ele se encontrava bastante alegre e interagia de forma agradável com os seus colegas, dançava muito, tanto em grupo, quanto em dupla com as meninas.

Mesmo sendo agressivo com os colegas e professores, apresentava-se, em muitos momentos, simpático e era bem quisto nessa instituição.

Durante este acompanhamento com a psicóloga, pôde-se verificar que o seu desenvolvimento encontrava-se na fase do poder de ser habilidoso, pois se mostrava, ainda, muito confuso sobre os seus valores de certo e errado e em como realizar as tarefas colocadas pela professora. Parecia ter muitos conflitos em casa e na escola sobre o que podia ou não fazer com relação ao seu comportamento.

E em outros aspectos, como em relação a sua sexualidade, ele encontra-se na fase da regeneração, pois comentava que tinha uma namorada e que gostava muito dela, fazia músicas e escrevia bilhetes à ela e também estava o tempo todo cercado por amigos.

Mesmo com o pouco contato da psicóloga com a mãe, foi possível constatar que esta trata o filho como se ele tivesse idade menor que 16 anos. Mostrou-se confusa e com dificuldade em impor limites ao filho e sobre como lidar com seus comportamentos.

Através da observação da prática clínica, com os portadores da síndrome, os adolescentes que se encontravam acima dos 16 anos, apresentavam estar na fase cinco, o poder de ser habilidoso, ao invés de estar na fase seis, poder de regeneração. Isso se evidenciava pela necessidade destes em conseguir realizar suas tarefas sozinhos. Além

disso, mostravam necessidades de se ver como alguém sexual e relacionar-se afetivamente, não sendo muito diferente das outras crianças, desta idade, que não apresentam a síndrome.

Os que estavam com 13 anos se apresentam na fase quatro (o poder de identidade) e outros na fase cinco, não havendo uma regra por se tratar da idade. O que foi verificado, na prática clínica e também na literatura através de Cunningham e Milan, é que muitos pais vêem o seu filho como alguém com grandes limitações, aparecendo muitos sentimentos de compaixão, o que dificulta o desenvolvimento e a passagem para as outras fases, propostas por Levin (1982).

Além disso, de acordo com a experiência profissional da psicóloga, com crianças portadoras de Síndrome de Down, observa-se a dificuldade de muitos pais em lidar com este assunto. Foi percebido que muitos pais, ao receberem a notícia de que seu bebê possui a síndrome ficam muito temerosos, assustados e confusos com essa revelação, precisando de um período para absorverem e entenderem a nova situação.

Com isso, foi observado, também, que as dificuldades encontradas na interação com a criança portadora da Síndrome de Down são provocadas por questões internas dos pais relacionadas à adaptação a nova situação.

Enfrentar questões que poderiam vir à tona a qualquer outra situação nova que solicitasse uma mudança de vida muito grande requer um olhar adulto sobre a chegada de um bebê com Síndrome de Down, uma força interna e um amor incondicional nessa nova jornada, que irá exigir muita atenção a essa criança.

Portanto, pais que têm filhos com as características acima, precisam redobrar a sua atenção e despenderem de maior tempo com suas crianças, procurando tratamentos adequados e estimulações que facilitam o seu desenvolvimento de uma forma saudável. Com isso, precisam estar bem consigo mesmos, sabendo que também precisam ser cuidados e pensarem em uma forma de relaxar e encontrar prazer na vida, pois estando bem fisicamente e psicologicamente, tem condições de dar os cuidados necessários ao filho. Em contrapartida, pais estressados e cansados não conseguem de cuidar de seus filhos de maneira adequada, tendo eles, ou não, a síndrome de Down.

Na instituição que subsidiou esse estudo, encontravam-se famílias com vários níveis sociais e culturais diferentes. E mesmo sendo importante a condição financeira, a



aceitação à criança não pode ser negligenciada. O que comprova esse fato foi constatação de que pais presentes melhoravam a saúde, o comportamento e o desenvolvimento de seus filhos, ao passo que os filhos de pais ausentes dificultavam e muito o trabalho dos profissionais da instituição. Nesse caso, fica claro que a genética não é o único fator do não desenvolvimento dessas crianças e adolescentes.

### **Discussão do Caso**

De acordo com Levin (1982), na infância passamos por um ciclo de desenvolvimento que começa com o nascimento, vai até o início da vida adulta e depois se repete até o fim da vida. Em cada fase, é importante que os responsáveis ofereçam as permissões percorridas pela autora, pois facilitam que os indivíduos passem de forma completa e satisfatória por cada uma delas.

Com os portadores da síndrome de Down, não seria diferente. O que muda é o olhar, maior paciência e compreensão devido as limitações destes.

A primeira fase, como já apontado, na visão de Levin (1982), é a fase do ser, uma fase em que é necessário tocar o bebê, passar mensagens do quanto ele é importante, o quanto ele é bem-vindo do jeito que é. E é, nessa fase, que a criança desenvolve um laço afetivo, que ajuda a estabelecer uma boa autoestima e um sentido de ser valorizado e amado pelos pais, responsáveis e familiares, em geral.

Cunningham (2008) parece concordar com Levin (1982), pois também acredita na importância da valorização do indivíduo, principalmente, nos primeiros anos de vida. E alerta sobre a importância de os pais ou responsáveis buscarem ajuda profissional, caso no primeiro impacto, não consigam aceitar e valorizar o filho de uma forma saudável e natural.

Cunningham (2008) também relata que algumas crianças recém-nascidas, que apresentam a síndrome, são vistas como calmas, o que facilita que os pais não as peguem no colo com frequência, deixando-as mais tempo deitadas. Para Levin (1982), esse comportamento vai contra a necessidade da criança de ser tocada e acariciada. Conforme afirma a autora, no decorrer do desenvolvimento da criança, se os pais não suprirem essa necessidade de carícia, essa criança pode de tornar mais agressiva, além de prejudicar o seu

desenvolvimento.

A fase do poder de fazer, segundo Levin (1982), é a fase da exploração, em que a criança começa a conhecer o mundo e, com isso, quer andar, cheirar e experimentar. Nessa fase, necessita-se de uma grande variedade de estímulos, que facilitará a elas ter mais iniciativa, curiosidade e serem intuitivas, características importantes para a fase adulta.

A criança com a síndrome de Down possui hipotonia, o que propicia que ela tenha um desenvolvimento físico mais lento, em comparação aos das crianças sem a síndrome (Cunningham, 2008). Isso pode acarretar numa demora maior à passar para esta próxima fase, não significando, porém, que não ela seja capaz de vivenciá-la. Nota-se, assim, a necessidade de os pais e/ou responsáveis buscarem informações sobre o desenvolvimento do seu filho e tomarem conhecimento da existência dessa fase para auxiliá-lo a experimentá-la da forma mais natural possível. Essa interferência estimula e permite ao filho explorar o mundo e, com isso, adquirir as características necessárias para um desenvolvimento saudável.

Milani (2004) compartilha da necessidade da estimulação precoce, para que a criança consiga fortalecer mais a sua musculatura, de acordo com suas limitações e também ter um crescimento adequado e saudável. Com isso, concordando com Levin (1982), sobre a necessidade de a criança ser manuseada na fase inicial da vida.

A fase do poder de pensar, de Levin (1982), mostra-nos a necessidade de a criança se ver como independente e sentir-se como um ser único. Nessa fase, é importante que os pais ou responsáveis permitam que seu filho possa se sentir no controle sobre algumas situações ou relacionamentos. É um período para se testar limites e poder mostrar seus sentimentos frente às pessoas e situações.

O portador da síndrome de Down possui um baixo nível cognitivo, mas isso não significa que não se pode dar a ele a oportunidade de se expressar e se ver como uma pessoa que é única e separada dos seus pais e que pode experimentar sentimentos e necessidades diferentes dos demais membros da família.

Milani (2004) relata que o desempenho cognitivo dos portadores está entre a faixa limítrofe ou média baixa e que poucos se encontram na faixa severa. Isso nos mostra que podemos estimular os portadores da síndrome de Down a pensarem por eles próprios,

mesmo que isso exija um cuidado maior por parte dos pais e/ou responsáveis por eles e, assim, oferecer-lhes o direito de passarem pela fase do poder pensar.

Levin (1982), nos fala sobre a existência da fase do poder de ser habilidoso, ou seja, é uma fase em que se aprendem novas habilidades, sendo, então, necessário experimentar novas maneiras de fazer alguma atividade. Esse momento da vida dá a oportunidade de a criança descobrir o que dá certo ou errado para ela, encontrando uma maneira própria, particular, de realizar tarefas colocadas pelas diferentes situações do cotidiano.

Portanto, os pais precisam estar atentos ao momento em que seus filhos chegam a esse estágio do desenvolvimento ou, se estão demorando muito a chegar, tendo o cuidado de identificar se realmente necessitam ficar mais um tempo na fase anterior, em vista das limitações, ou se estão evitando a nova fase. E, com isso, darem as permissões necessárias para passarem por esse momento de uma forma segura e permitindo que eles se sintam capazes de vivenciá-lo de uma forma adequada com suas próprias limitações.

Levin (1982) mostra todas as fases necessárias para um desenvolvimento saudável e ensina como olhar para uma criança em crescimento. Podemos utilizar desse conhecimento para orientar os pais e/ou responsáveis pelas crianças portadoras da síndrome de Down, a fornecerem a elas um desenvolvimento saudável, coberto de carinho e atenção, e o direito de serem estimuladas de acordo com as permissões do ciclo do desenvolvimento e, por conseguinte, poderem passar por todas as fases de acordo com suas limitações físicas e intelectuais.

Com as observações realizadas na instituição, com o estudo do caso relatado acima e, levando em consideração os estudiosos da síndrome de Down citados nesse trabalho, pode-se comprovar que os portadores desta síndrome não passam por todas as fases do desenvolvimento, da mesma maneira que as demais crianças, por apresentarem várias limitações, como a intelectual e a hipotonia muscular. Tais limitações fazem com que estacionem em algumas fases ou, às vezes, nem passem por todas elas, na idade adequada. Mas isso não descarta a possibilidade destes passarem por todas estas etapas do desenvolvimento.

Existem algumas características típicas de cada uma das fases do ciclo do desenvolvimento de Levin (1982) que poderão ser mais difíceis aos portadores da



síndrome de Down, devido suas limitações, como por exemplo, a de serem totalmente independentes como, conseguirem morar sozinhos e não precisarem da supervisão ou orientação de um adulto. Sabendo e entendendo as suas limitações e conhecendo as fases em que se encontram, pode-se dar o direito a eles de experimentarem e descobrirem seus próprios limites.

Acredita-se que os pais que buscam ajuda e, adquirem os conhecimentos fornecidos pela Levin (1982) podem se surpreender com as capacidades que seus filhos podem desenvolver. Nesse sentido, é fundamental que os pais aceitem seus filhos, do jeito que eles são, aprendendo sobre suas limitações e dificuldades físicas e intelectuais, para que possam fornecer a possibilidade de seus filhos se aceitarem também.

Assim, é interessante que pais e educadores busquem informações acerca das fases propostas por Levin (1982), para terem condições de identificarem em qual fase se encontram os portadores da síndrome de Down, a fim de estimulá-los de maneira adequada permitindo desenvolverem com confiança e segurança, para alcançarem às seguintes fases de uma forma saudável.

### **Considerações Finais**

Esse estudo vem revelar a necessidade de orientar educadores e pais a conhecerem as propostas de Levin (1982), que oferece um caminho favorável e prático para que os portadores da síndrome de Down tenham chance de passar pelas fases do desenvolvimento de maneira saudável.

Existe também a relevância em ajudar os pais a desmistificar as idéias e crenças já instituídas pela cultura de não aprendizagem de seus filhos portadores da síndrome. Apesar de suas limitações físicas e intelectuais, eles podem passar pelas fases do ciclo do desenvolvimento de Levin (1982), mas, isso depende do quanto esses pais, cuidadores e educadores estariam dispostos a mudarem suas crenças, a fim de auxiliar no desenvolvimento e na qualidade de vida destas pessoas.

Sem dúvida, é de suma importância que os pais de crianças com síndrome de Down busquem ajuda, e uma delas é conhecer essas fases do ciclo de desenvolvimento, como uma ferramenta a mais para lidar com essa realidade sem traumas. Esse conhecimento viabiliza a aprendizagem sobre as limitações dessa criança e, de forma produtiva, estimula

vencê-las.

Por essa razão é sugerido que esses pais ou cuidadores recorram a terapia individual, em grupo ou de casal, para descobrirem não só seus potenciais como pais mais ainda mudarem suas visões sobre seus filhos, além de adquirirem maior conhecimento sobre esta condição.

É importante que os pais saibam que seus filhos são mais frágeis em termos fisiológicos, mas a atenção, o carinho e o amor podem facilitar e dar forças para que essas crianças e esses adolescentes superem algumas limitações e desenvolvam de forma satisfatória.

Além da estimulação, é importante que os pais ensinem seus filhos a resolverem seus próprios problemas e, com isso, assumiram juntamente com eles a responsabilidade de suas conseqüências, buscando, dentro do possível, o desenvolvimento de certa autonomia.

Sugiro aos próximos pesquisadores que aprofundem mais no estudo proposto por Levin (1982), na busca de maiores e melhores compreensões do desenvolvimento de pessoas portadoras da síndrome de Down.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNNINGHAM, C. *Síndrome de Down: uma introdução para pais e cuidadores*. 3º ed, Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEVIN, P. *O Ciclo do Desenvolvimento*. TAJ, v.12, abril 1982.

MILANI, D. *Down, Síndrome de: como, onde, quando, porque*, São Paulo: Livro Pronto, 2004.

MUSSEN, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J.; HUSTON, A. C. *Desenvolvimento e personalidade da criança*, 2º ed, São Paulo: Harbra, 1988.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*, trad: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi, 10ºed, Porto Alegre: AMGH, 2010.